



MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
Administração-Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones

Inauguração das novas instalações do Correio de

CASTELO DE VIDE

em edifício expressamente construído pela *Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* do Ministério das Obras Públicas, com a colaboração técnica dos *Serviços de Edifícios e Mobiliário dos CTT*

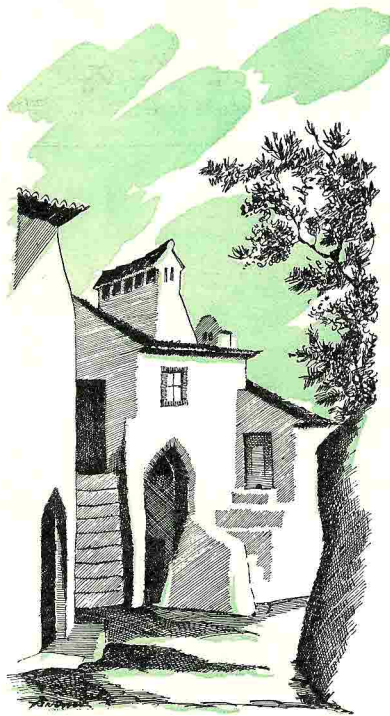
1958 - Maio - XIII

A

estação do correio de Castelo de Vide foi criada em 1 de Agosto de 1882 para executar serviço postal e telegráfico, e quando em 10 de Agosto de 1930 foi inaugurado na Vila o serviço telefónico, continuou instalada no mesmo velho edifício. Sai agora dele para novas e excelentes instalações, especialmente construídas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, do Ministério das Obras Públicas.

Deve-se a decisão de construir o novo edifício, já previsto no Plano Geral de Edificações, a uma visita de serviço que o Correio-Mor efectuou à estação de Castelo de Vide em 29 de Março de 1952, e da qual escreveu: «A casa não tem condições e a instalação é francamente má. Os prédios adquiridos para demolição estão bem situados, mas não permitem aproveitamento mesmo provisório. Tentei obter de arrendamento outra casa para reinstalar a estação enquanto não concluirmos as obras. Nada se conseguiu em condições. Parece-me por isso de necessidade curarmos de promover a construção do edifício previsto no plano da lei n.º 1959».

O novo edifício foi estudado e planificado pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, segundo programa gráfico elaborado pelos CTT. A empreitada foi adjudicada em 1956. Durante os trabalhos, houve que alterar o projecto, por ser necessário escorar um prédio confinante que ficou em risco com as demolições feitas. O valor urbanístico do local ditou a substituição de inestéticos gigantes por um prolongamento do edifício em altura até à empena do prédio vizinho, arranjo de fachadas, inclusão de cantaria regional e colocação de grelhagem no alçado do lado direito. A solução estética obtida não desmerece no famoso património artístico local de consagrada reputação como paisagem urbana doutros tempos, e deve-se ao carinho com que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais defende as tradições arquitectónicas regionais, de que Castelo de Vide é exemplo de alto valor.



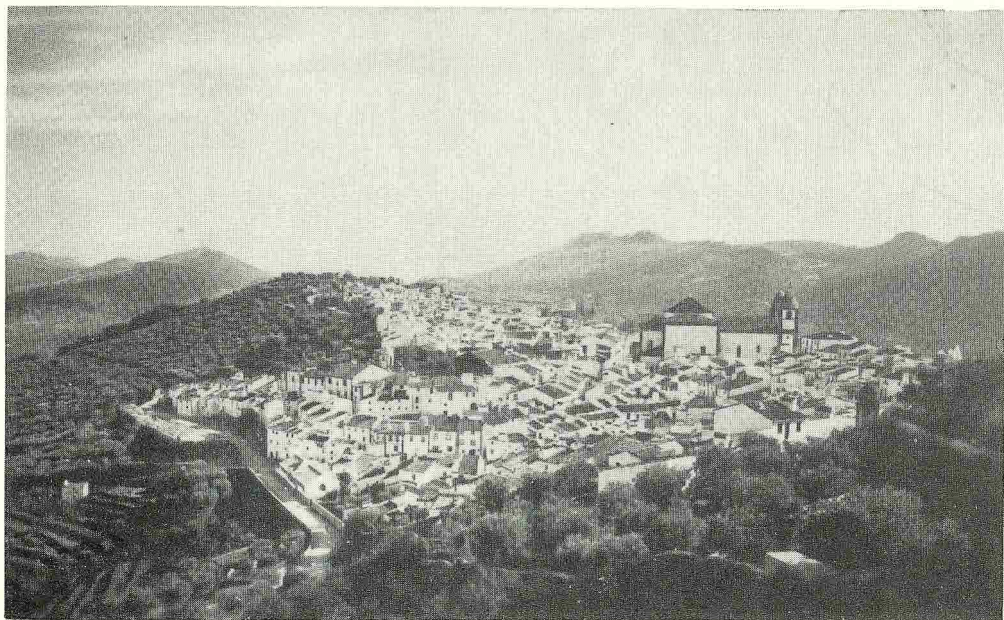


Foto de A. Passaporte

PAISAGEM

Ao redor da vila, as muralhas, hoje servindo de sustém a quintais, hortejos e pomares, cobriam-se dos festões risonhos das latadas irreverentes, foliando sobre as suas fontes orgulhosas. Vistos assim os velhos muros, que aguerridos outrora tinham encarado com arrego e valentia as não longínquas terras de Espanha, tomavam o ar patusco de velho senhor que, depois do combate, numa orgia de vitória se deixava adormecer borracho, engrinaldado de pâmpanos, tal qual como em tempos de Deuses já passados, soiam fazer os gordos Silenos mariolas.

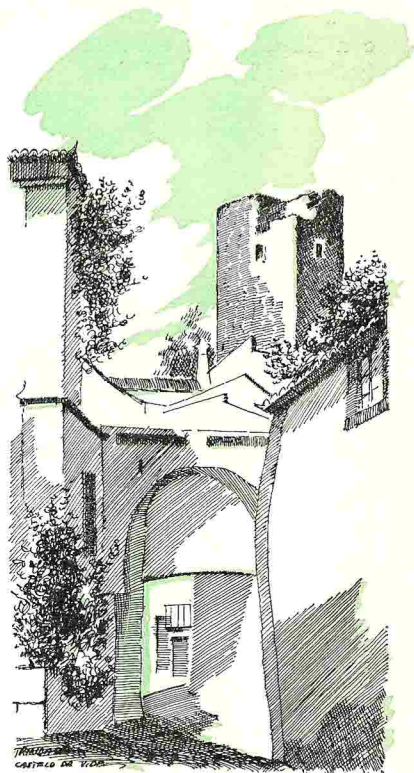
Depois, a guardar o guerreiro adormecido, em seu sono de séculos, a soldadesca dos olivedos com suas copas redondas — usados murriões dum aço fosco — ia descendo enfileirada para a frescura acariciante do vale como disciplinada tropa de veteranos que não tremem.

À orla da ribeira a paisagem perdia este ar austero; começavam as hortas a espraiair-se arrotando fartura de sua terra ubérrima e cuidada nos fofos talhões pautados das alfices e repolhos, na rotundidade abacial de suas melancias e abóboras. Aí, pousadas ao de leve, entre a



verdura tenra dos pomares e o perfume ingénuo de craveiros e mangericos viçosos, dormitavam muito caídas as casas das fazendas, onde de vez em quando aparecia à porta, no trabucar contínuo, a patroa de lenço claro engulosando, num *pi-pi-pi* prolongado e terno que ficava suspenso e aéreo dilatando-se no vale, as poedeiras gordas e o galo maroto e refilão.

Mais lá um pouco, coleando caprichosa, a poeirenta estrada da estação era um nastro branco desenrolado ao acaso por mão indecisa e breve do menino tonto; e novamente, depois, como cheia já daquela quietude farta da Madre Natureza que lhe não contentara a alma inquieta, a paisagem lançava-se em busca de qualquer coisa de mais alto, de mais ideal, da forma eterna, da imutável serenidade. Era então a Serra a erguer-se; até meia encosta ainda coberta das fronteiras verdejantes dos soutos e pinhais — que eram assim, como o manto das vaidades humanas que tanto custa a despir — para depois aparecer nua, rígida, granítica e sincera sob o céu aberto e o olhar de Deus. E parece que este sacrifício agradava ao Senhor: sobre seu espinhaço torto — diziam — a Virgem aparecera e logo ali pousara. Como pomba branca descansando imóvel de largo vôo numa ermida caíada. Todos os anos, sobre a agreste penedia, com foguetório, música e bailes de roda a Serra tinha a sua festa, porque a Senhora e a penha tosca que a Senhora pisara eram, pelas gentes simples envolvidas na mesma suave adoração



VISÃO IMPRESSIONISTA

Velho burgo guerreiro e municipal. Muralhas, torrião e revelins do *Rei-Lavrador*, tradições foraleiras remontantes ao *Bolonhês*. No solo das ruelas, onde o xisto não aflora marca o *risco* da calçada uma era que vai longe. Portais góticos e ventanas apertadas chamam do fundo da Idade-Média a ânsia prescrutadora dos arqueólogos e o lápis dos artistas.

Algures, sobre sua arcada e ainda sem manqueira, os primitivos Paços do Concelho — a pobreza dos palácios medievais e o respeito pela grande magistratura dos *homens-bons*. Além, a nota heráldica de uma residência senhorial, seu escudo e masmorra, talvez a moradia de Gonçalo Eanes de Castel de Vide, já reformada pela arte de séculos posteriores.

Sobrelevando tudo — o casario do povolêu e a cidadela — a torre de menagem domina horizontes largos: cidades e vilas da Beira com as lombas nevadas da Estrela, para o norte; a campina larga da Estremadura espanhola até além de Cáceres, para leste, e só o vasto Alentejo cortado pela cordilheira a sul e oeste...

Na vila moderna, em parte tão velha como o burgo, há de tudo para os olhos e para o espírito do turista: as mesmas ogivas nas moradias do vulgacho, algumas já adornadas com prenúncios da Renascença; janelas que são seteiras, nos bairros arrabaldinos do Castelo, ainda hoje nomeados pela Judiaria e pela Aldeia. Vielas tortuosas, perigosas de transitar nas inverneiras, apesar do travejamento geográfico das calçadas de antanho.

Becos de quebra-costas passando sobre escarpas e, presos a estas, casebres de gente pobre e de mister campesino. Na luz crua do estio toda esta pobreza de urbanismo secular é riqueza de cor e vigor de recorte. Sob o azul do céu, nas inflorescências de Maio a Setembro há escorrências sanguíneas no granito escuro e nas alvuras da cal.

in «Terra Alta — antologia de Castelo de Vide»





Foto de A. Passaporte

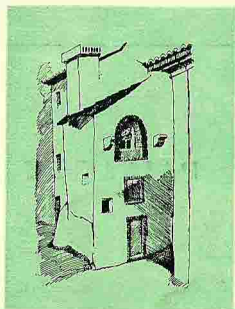


Foto de A. Passaporte

Desenhos e fotografia da Estação de LUÍS TRINDADE . Gravuras de BERTRAND, IRMÃOS, LDA.
Execução gráfica de RAMOS, AFONSO & MOITA, LDA. - Lisboa
Texto dos SERVIÇOS CULTURAIS DOS CTT . Edição de 400 exemplares

